



Campeões nacionais de tiro treinam em Tavira

“A maior parte dos meus colegas têm medo”

Fundada em 1991, a Sociedade de Tiro de Tavira é hoje um dos clubes algarvios mais dinâmicos no que toca à prática e ao ensino do tiro. Oito alunos, cinco raparigas e três rapazes, praticam a modalidade e, tanto em equipa como em individuais, os jovens tavirenses detêm o título de campeões nacionais no escalão de juniores A. Este é, no entanto, um Desporto ainda com pouca expressão a nível regional e nacional, devido essencialmente à má receptividade que a disciplina ainda tem em Portugal.

Foi a “curiosidade por uma prática diferente” que levou a Ana Margarida Vieira, 15 anos, a pegar numa arma e iniciar-se na prática do tiro de ar comprimido. Três anos depois dessa primeira experiência, a jovem é hoje bicampeã nacional, tendo ficado a apenas 10 pontos dos valores mínimos que a apurariam para o Campeonato do Mundo. Nos masculinos, o tavirense Bruno Pereira é também campeão nacional. E em equipa, o grupo feminino arrecadou ainda, este ano, o primeiro lugar do campeonato, tendo mesmo obtido uma melhor classificação geral que as atletas do escalão sénior.

Por isso mesmo, para Luís Pereira, presidente da Sociedade de Tiro de Tavira, o ano de 2006 traz um novo desafio para os jovens atiradores. “Este ano é o ano da verdade, porque eles já têm uma qualidade técnica e um nível que só se não quiserem trabalhar é que não conseguem chegar onde nós gostaríamos que eles chegassem”, afirma o também treinador do clube.

O objectivo é iniciar um projecto de alta rendibilidade. A meta é a de atingir pontuação suficiente para que os atiradores de Tavira possam vir a ser considerados atletas de alta competição, o que lhes proporcionará mais horas de treino e a participação em provas internacionais.

No Algarve, o clube de Tavira é a única escola de tiro a funcionar com prática desportiva regular. De resto, em Portugal, existem apenas cinco escolas de tiro. A modalidade é ainda pouco praticada, em parte devido a uma ideia preconcebida de que o tiro é sinónimo de violência. “Toda a gente tem medo de pôr os filhos no tiro, porque dizem que é um desporto violento. Esta é uma teoria totalmente errada”, defende Manuel José Custódio, também treinador do clube. “No tiro não há acidentes, não há violência, não há lesões. No tiro, só há o atirador e o alvo. O adversário dele é ele próprio”, esclarece Manuel Custódio, para quem, “as armas são como os carros, se conduzirmos mal, é que provocamos acidentes”.

A prática do tiro permite, por outro lado, aos alunos, desde cedo, perceberem como lidar com as armas e respeitá-las. “Normalmente, estas crianças que fazem tiro, que estão dentro do assunto, sabem como mexer na arma e sabem que a arma é Desporto”, defende ainda o treinador.

As escolas de tiro podem por isso ter um importante papel a desempenhar na educação da sociedade civil. Luís Pereira considera, no entanto, que essa não é uma tarefa fácil, essencialmente porque “a receptividade não é boa à partida, e os meios que nos são postos à disposição não são suficientes para dar um passo desses. Não temos monitores. Os professores de Educação Física não estão sensibilizados e não se preocupam com esta disciplina. Treinadores não há, porque também o tiro é uma actividade que não tem reforma e são poucos os que abraçam a actividade de treinador”. São os próprios alunos que acabam muitas vezes por ser os porta-vozes da modalidade e ir transmitindo aos colegas algumas informações sobre esta prática desportiva. Mesmo assim, quando questionados sobre qual a reacção de amigos e colegas de escola quanto à sua opção desportiva, os jovens atiradores são unânimes: “a maior parte dos meus colegas têm medo”.

Medos à parte, o certo é que a prática do tiro eleva os níveis de concentração dos seus praticantes, o que pode ajudar nos estudos escolares, nomeadamente na disciplina de Matemática. Para que o tiro saia certo em direcção ao alvo, é preciso muita concentração. “Nesta disciplina, não dá para brincar e fazer tiro”, diz Luís Pereira, isto porque, como acrescenta o colega, “o tiro tem que começar bem, porque depois dele sair já não há hipótese”. Como qualquer Desporto, também esta

modalidade implica, por outro lado, muito treino. Os atletas de Tavira praticam três vezes por semana, num total de seis horas semanais. O treino devia ser diário, no entanto, todos sabem que, nas actuais condições, “primeiro está a escola, depois está a modalidade”. Apesar disso, o sonho comanda cada novo treino na Sociedade de Tiro de Tavira e para os treinadores da instituição a melhor recompensa seria a de ver chegar um dos seus discípulos aos Jogos Olímpicos. Um sonho pelo qual os atiradores prometem continuar a trabalhar, certos, sem falhar o alvo.

Oriana Silva

18 de Janeiro de 2006 | 15:21